

## **ESPORTE PARA TODOS E A CONSTITUIÇÃO DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO SOCIAL**

**Nailze Pereira de Azevêdo Pazin**

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: [nailze@bol.com.br](mailto:nailze@bol.com.br)

**Denize Pereira de Azevedo Freitas**

Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana

Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana

E-mail: [denizefreitas05@terra.com.br](mailto:denizefreitas05@terra.com.br)

**Maria da Luz da Silva**

Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Janeiro

Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana

E-mail: [mariadaluzs@gmail.com](mailto:mariadaluzs@gmail.com)

### **RESUMO**

Neste texto, procuramos compreender como as políticas públicas gestam projetos de intervenção social como a campanha Esporte para Todos *EPT* (realizada no Brasil nos anos de 1977 à 1979), e como se utilizaram da Educação Física como "saber científico" para legitimar práticas corporais de intervenção e controle na sociedade.

Palavras-chave: História. Esporte. Educação Física. Intervenção Social. História das Políticas Públicas.

### **ABSTRACT**

#### **“SPORT FOR ALL” AND THE FORMATION OF A SOCIAL INTERVENTION PROJECT**

This paper seeks to understand how government policies manage social intervention projects like “Sport for All” (Brazil 1977 – 1979), and how physical education is used as scientific knowledge to legitimize corporal practices for intervention and social control.

Key-words: History. Sport. Physical Education. Social Intervention. History of Public Policy.

### **ALGUMAS NOTAS PRELIMINARES**

Para Norbert Elias (1992), as práticas desportivas integram-se no vasto campo da análise, portanto, é necessário compreender o significado social e político do desporto. Para fugir das generalizações, Elias, diz ser necessário recorrer sistematicamente ao ponto de vista comparativo, para identificar a especificidade dos processos e as diferenças na caracterização de cada configuração social. Convida ainda, os pesquisadores a refletir com maior profundidade sobre um dos fenômenos essenciais da nossa civilização.

Vistos por este ângulo, esporte e educação tornam-se uma combinação relevante, em tempos de profundo apelo à imagem corporal e à saúde. A compreensão das políticas públicas esportivas é um tema que nos remete também às reflexões sobre a dinâmica da paradoxalmente *utilitária sociedade do lazer*. Atualmente percebemos cada vez mais uma procura pelo pitoresco e pelos estímulos ausentes na correria dos centros urbanos. O esporte torna-se um espaço privilegiado por ser atravessado por quase todos os sistemas de semiotização (as artes, o lazer, a mídia, as linguagens das instituições, entre outras).

Paralelamente, procuramos reinserir o esporte como componente de um processo de diferenciação que se manifesta na vida das cidades. A idéia é pensar as práticas esportivas como constituintes de um quadro de mudanças que define normas de saúde, de beleza, instaura a competição e o autocontrole de cada indivíduo, criando também novos padrões de lazer e recreação social.

## O ESPORTE PARA TODOS E SUA ORGANIZAÇÃO

O conceito *Esporte para Todos* foi idealizado pela primeira vez pelo Conselho da Europa em 1966, com a intenção de massificar o esporte, promovendo-o ainda numa perspectiva de educação permanente e de desenvolvimento cultural. Vale lembrar que nesse momento, o esporte constituía-se como um relevante fenômeno cultural de tendência internacional no que se refere ao campo de conhecimento, emergindo daí a *Ciência do Esporte*.

Como “movimento”, o *Esporte para Todos (EPT)* surgiu na Noruega no ano de 1967. O idealizador do programa, Per Hauge-Moe com o apoio de empresas privadas lançou uma campanha denominada TRIMM que, utilizando material de marketing, procurava instigar os sedentários à prática da atividade física. Essa mesma campanha procurava unir esporte, publicidade e a participação em massa de atividades esportivas. A campanha esportiva brasileira ganhou contornos diferentes, mobilizando instituições públicas e privadas (CAVALCANTE, 1984).

Concebida durante o regime de Ditadura Militar que se estabeleceu no país no período de 1964/1985, a Campanha *Esporte para Todos (EPT)* realizada nos anos de 1977 à 1979 estava vinculada à problemática da Educação e das tensões constantes que envolviam a implantação e implementação de uma política de Educação Física no Brasil. Apesar dos projetos gestados neste período terem uma característica nacional, o processo educativo era focalizado numa dimensão estática e localista, e quase sempre de manutenção da ordem, como foi o *EPT*, o *projeto Rondon*, *projeto Casulo*, o *MOBRAL*, entre outros<sup>1</sup>.

Foi neste contexto, que a prestação dos "serviços de tipo social" como educação, saúde, habitação, e assistência, constituíram-se elemento coadjuvante para o bom desempenho econômico. A concepção chave desses programas era "participação da comunidade" para implantação de programas destinados as camadas mais pobres da sociedade.

---

<sup>1</sup> Sobre tais projetos ver. Rosenberg, Soares, Galvão.

A tarefa do sistema educacional, segundo tal perspectiva, seria preparar recursos humanos para atender às demandas dos diversos projetos sociais. O educando seria encarado como "capital humano" indispensável e estratégico para a promoção do desenvolvimento do país. No que tange a essa questão, o Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico e Social de 1966/76 estabelecia, quanto ao sistema educacional, o dever de consolidar a estrutura do capital humano do país objetivando acelerar o desenvolvimento econômico, indicando inclusive, a quantidade de profissionais necessários para as diversas áreas do conhecimento. (DEMO, 1978)

As comunidades que participavam de tais atividades eram submetidas a uma maquinaria de poder<sup>2</sup> que as esquadrihavam, diagnosticando as condições sociais do município, tratando do seu índice de socialização, dos recursos vinculados à instrução, ao lazer e à religião e da estabilidade do grupo familiar, sem estabelecer qualquer articulação com a problemática estrutural brasileira. Com base nesses diagnósticos, criaram-se programas, acionaram-se mecanismos e incentivos visando à integração regional e social. Mas, para tanto era imprescindível a participação da comunidade no custeio dos programas.

Esses projetos sociais focalizavam ainda, a necessidade de envolvimento da comunidade local na implantação dos mesmos, sem cogitar, porém, que a população tomasse parte na elaboração do programa nem que criticasse seu conteúdo. O Estado autoritário enquanto "guardião da ordem e do progresso" privilegiava as ações em torno das áreas de lazer, esporte, saúde educação, urbanização. Foi nesse contexto, que a Educação Física/Espportes passou, assim como em outros momentos históricos, a ser entendida como peça fundamental para o desenvolvimento da saúde dos cidadãos e premissa básica para a "integração social".

É importante lembrar que os programas sociais de massa implantados pelo governo brasileiro na década de 1970 foram gestados na paisagem da guerra fria, tendo quase sempre, como orientação teórica, as propostas de *Desenvolvimento de Comunidade (DC)*. Foi a partir da década de 1950 que a recém- criada *Organização das Nações Unidas (ONU)* se empenhou em sistematizar e divulgar o *Desenvolvimento de Comunidade* na América Latina como forma de solucionar o complexo problema de integrar os esforços da população aos planos regionais e nacionais de desenvolvimento econômico e social (AMMANN, 2003, p. 50).

A partir de uma visão bipolarizada do mundo (comunismo versus "democracia") os países da América Latina, elaboraram políticas de Segurança Nacional, como garantia relativa frente ao expansionismo soviético e da subversão comunista. Para os países sul-americanos a "segurança" tornou-se inseparável da segurança norte-americana, esse argumento será utilizado para justificar programas de desenvolvimento econômico e social até as violações dos direitos humanos (CAVAGNARI FILHO, 1994).

A concepção chave desses programas foi "participação da comunidade" para implantação de programas destinados as camadas mais pobres da sociedade. Assim, em manual publicado no Brasil pela USAID<sup>3</sup> na década de 1960 encontramos citações como: "os povos famintos têm mais receptividade à propaganda comunista que as nações prósperas" citado por Scalon (1965). Nesse sentido, a educação tornava-se um elemento chave para "corrigir as distorções crônicas" e representava um artifício político válido para enfrentar um problema econômico conjuntural, já que um dos seus objetivos era o aumento da produtividade da força de trabalho, um recurso social para desenvolver entre as populações adultas marginalizadas o sentido de ajuste social.

Forjado sobre um esquema conceitual que tinha como base os supostos da "harmonia e do equilíbrio", a tese elaborada pela ONU sobre *Desenvolvimento de Comunidade*, era então definida como "processo através do qual os esforços do próprio povo se unem aos das

<sup>2</sup> Para Foucault uma maquinaria de poder sugere uma anatomia política, que é também uma mecânica do poder, que não se define apenas pelo domínio sobre o corpo social para que façam o que se quer, mas principalmente para que se operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.

<sup>3</sup> Organismo norte – americano de difusão cultural no exterior.

autoridades governamentais”, e o objetivo final era “melhorar as condições econômicas, sociais e culturais das comunidades, *integrarem* essas comunidades na vida nacional e *capacitá-las* a contribuir plenamente para o progresso do país.”<sup>4</sup>

Imbuído de tais convicções, o governo brasileiro no imediato pós-guerra iniciou um convênio com o governo dos Estados Unidos para incremento da produção de gêneros alimentícios em nosso país, este convênio previa a manutenção de um quadro de técnicos americanos junto ao Ministério de Agricultura, para assessoria à Comissão de produção de alimentos. Este acordo tinha como foco principal a educação rural, tanto é que os Estados Unidos colocou a disposição da *Comissão Brasileira- Americana de Educação das Populações Rurais (CBAR)* um corpo de especialistas em educação e extensão rural além de concederem bolsas de estudo para "treinamento" de brasileiros naquele país. Segundo Safira Ammann (2003), este convênio preparou a entrada do *Desenvolvimento Comunitário* no Brasil já na década de 1940 através das *missões rurais*, a CBAR contava, segundo a autora, como fundo financiador US\$ 250.000,00 de fontes americanas e US\$ 750.000,00 do orçamento da União. O acordo estabelecia, "maior aproximação interamericana, mediante intercâmbio intensivo de educação, idéias e métodos pedagógicos entre os dois países."<sup>5</sup>

Em 1970, o governo militar retomando tal experiência-modelo, que se insere na política desenvolvimentista da década, cria a *Coordenação dos Programas de Desenvolvimento Comunitário (CPDC)* que deveria se constituir como "instrumento de participação popular e um sistema de trabalho destinado a facilitar a conjunção dos recursos da população e do governo, e obter a maior rentabilidade destes "<sup>6</sup>. O indivíduo era novamente interpretado como "capital humano", indispensável e estratégico para a promoção do "desenvolvimento do país". Esse discurso estava envolto por uma atmosfera de grande otimismo, afinal era preciso redesenhar o Brasil numa perspectiva moderna de país do futuro, uma nação jovem. Esta imagem sugeria que estávamos em fase de crescimento, desenvolvimento. E a Educação Física deveria contribuir para o crescimento de "*TODOS*".

Desde a década de 1960, vivia-se no Brasil uma expectativa modernizante, amplificada pela propaganda que a imprensa, em geral, aprendia a praticar. Perspectiva esta, bem delineada na revista *Veja* em 1970, quando afirmava ser preciso "entusiasmar a população e converter as energias do otimismo em saltos para o desenvolvimento"<sup>7</sup>. Portanto, era fundamental não apenas induzir a "participação", mas, sobretudo forjar uma atmosfera otimista, discurso este, sustentado por certa "predestinação" e crença histórica no "Brasil país do futuro". Na década de 1980 ainda ouvíamos ecos dessa política otimista. Segundo o Secretário da SEED/MEC Péricles Cavalcante era preciso "incentivar a criação de um mutirão nacional: o da saúde e do *otimismo*, o mutirão do fazer em lugar do assistir."<sup>8</sup>

Segundo o historiador, Carlos Fico (1997), esse discurso perpassa um tipo de produção jornalística, que reafirma, exaustivamente, a exuberância da natureza e riquezas minerais, o tamanho continental, o povo pacífico, e a inexistência de conflitos raciais. Esse tipo de narrativa é sustentado pela unidade da idéia, pela identidade que propicia essa convicção quanto à singularidade de nosso país, predestinado a um futuro promissor, e essa imagem tem força suficiente, para situar-se como foco de referência de auto- reconhecimento social.

<sup>4</sup> ONU. Definição do Desenvolvimento de Comunidade em 1956. In: *Desenvolvimento de Comunidades Urbanas e Rurais*. Rio de Janeiro, 1956, p.25.

<sup>5</sup> Op. Cit. Ammann. Brasil. Ministério de Relações Exteriores. *Atos Internacionais*, (230). Rio Janeiro, 1946.

<sup>6</sup> CPDC, apud Ammann, 1982, p.117.

<sup>7</sup> Revista *Veja*. Velloso e seus grandes impactos (71): 19, 14 jan.1970.

<sup>8</sup> Cavalcante, Péricles. Editorial Comunidade Esportiva. Nº 20, set/out- 1982.

O "material histórico" produzido pelos epetistas<sup>9</sup> em seu conjunto de convicções faz uma leitura do Brasil apoiada em suas grandes potencialidades e na consequente visão do brasileiro como um povo alegre, esperançoso, generoso, ordeiro, patriótico e crente no futuro. Mas além dessa identificação com a nação, além da exploração claramente política, é necessário entender também o espetáculo esportivo produzido pelo *EPT*, objeto de festa, jubilosa celebração esportiva, mistura de distensão, de efervescência e de mercado.

Assim, é na rotina dos atos de poder que reside à força da tradição do otimismo<sup>10</sup> à qual a propaganda governista se vincula. Nesse sentido, é importante pensar a percepção do poder como um processo que não se realiza em via única; será preciso compreendê-lo – em toda sua complexidade – como um fenômeno dos mais importantes para o entendimento de atitudes e representações mentais de uma dada época. Convém, portanto, investigar e entender a forma pela qual o poder pretende aparecer e a maneira pela qual é percebido.

Foi no governo de Ernesto Geisel, - onde já se divisava o fim do "milagre econômico" que mais se reiterou esse tipo de apelo "otimista", mas ao mesmo tempo se reiterava também o sacrifício e "participação" de todos para a grandeza da nação. Em janeiro de 1977, com o objetivo de discutir alternativas para o lançamento da campanha esportiva, o *Movimento Brasileiro de Alfabetização* (MOBRAL) organizou o *Seminário Esporte Para Todos*.

O primeiro material didático para treinamento de recursos humanos foi intitulado "*Documento Básico da Campanha Esporte Para Todos*" editado pelo MEC em 1977 e distribuído gratuitamente nas escolas. Através desse documento ficava estabelecido que o objetivo geral da campanha fosse "*o despertar da consciência do povo brasileiro quanto ao lazer esportivo*".

A Campanha *Esporte para Todos (EPT)* contou com a adesão de mais de 2.700 municípios, e utilizou a infra estrutura do MOBRAL como órgão executor e divulgador da prática das atividades físicas e esportivas no país naquele momento. O MOBRAL contava com a parceria do então Departamento de Educação Física e Desporto (DED) para organizar e dirigir a campanha para implantação do desporto de massa no Brasil.

A campanha *EPT* contou com o apoio das secretarias de educação dos Estados e de alguns municípios importantes; cerca de 9,7 milhões de pessoas participaram nos eventos de massa; 10.458 voluntários esportivos foram mobilizados pela rede MOBRAL para a organização de promoções e competições, como as ruas de lazer e as colônias de férias.<sup>11</sup>

O momento político vivido no início da década de 1970 exigia uma educação do físico que promovesse não só a saúde, mas também a disciplina e a ordem, exteriorizada pelo comportamento e postura francamente otimista e civilizada de sua população. Mas acima de tudo era preciso desenvolver um clima de confiança no futuro, pois era inexorável o destino de grandeza do país. Em 1976, a reportagem do jornal *Correio Brasiliense* foi salutar neste sentido na fala do presidente Geisel:

"muito já se fez, mas muito resta ainda por fazer. Por isso, inspirado nos exemplos que herdamos e com fé e trabalho, sem dar ouvidos ao pessimismo ou derrotismo, prosseguiremos infatigavelmente na longa e árdua caminhada pelo desenvolvimento integrado (...)"<sup>11</sup>

<sup>9</sup> Como se autodenominavam os envolvidos com a campanha.

<sup>10</sup> Para Carlos Fico os tópicos do "otimismo" brasileiro como; a exuberância natural, a democracia racial, o conagraçamento social, a harmônica integração nacional, a alegria, a cordialidade e a festividade do povo brasileiro, entre outros, foram re-significados pela propaganda militar em vista da nova configuração sócio-econômica que se pretendia inaugurar, assim, como a própria idéia-força do pessimismo.

<sup>11</sup> *Correio Braziliense*. Geisel prega o desenvolvimento sem dar ouvidos ao pessimismo, 2-9-1976. Primeiro caderno.

A "missão civilizadora" de que se achava imbuído o governo militar no Brasil se expressou, na firme convicção de estarem construindo um novo patamar econômico, político e moral no país (FICO, 1997). Em termos bem gerais, abriram-se possibilidades de inserção social dos menos favorecidos por meio de projetos esportivos. Uma inserção que passou a ser condicionada como em outros períodos históricos à sua capacidade de "civilizar-se". Mas foi no governo militar sob o signo de "*integração social*" que tais programas de desenvolvimento social adquiriram prioridade não apenas para angariar a simpatia da sociedade civil, mas também criando a ilusão de poderem solucionar os problemas das classes subalternas.

O esporte passou a ser pensado como agente fundamental no processo educativo. Os projetos esportivos neste período tendiam a valorizar as ações comunitárias frente às circunstâncias da vida, sobretudo no plano da intersubjetividade. Para alguns importava menos as "estruturas do econômico e social" inspirando-se quase que exclusivamente nos postulados funcionalistas. Abordavam a comunidade como uma unidade constituída de partes interdependentes que deviam colaborar para o equilíbrio do todo. Um tipo de discurso que vinculava a *formação do homem brasileiro* com o desenvolvimento do país. Como afirmava o então Presidente Médici em 1970 na inauguração da Praça Roosevelt, em São Paulo: "*preciso que haja um perfeito equilíbrio nas atividades do homem, para que ele também tenha esse equilíbrio emocional; para que ele produza; para que ele dê mais ao Brasil; para que ele cresça com sua Pátria.*"<sup>12</sup>

Percebemos uma concepção do corpo humano ainda como máquina, a serviço da produção, cujo entendimento de seus mecanismos internos, desde o século XVIII, despertava os educadores para a necessidade de ampliar sua autonomia, em relação às possibilidades de "transformá-lo" cotidianamente. Com ajuda agora não apenas da Educação Física, mas também dos esportes. (SANT'ANNA, 2001).

O que o movimento *Esporte para Todos* mostrava de "novo" nestas práticas corporais, objeto de nossa pesquisa, foram às formas de subjugar o corpo, pois este trabalho representou, como em outras épocas, uma ação também pedagógica. Segundo Georges Vigarello (2009), o esporte permite sonhar com uma perfeição social, sem levar em conta as complicações obscuras, os desvios financeiros, abandonos sanitários, violências abertas ou mascaradas.

Para tanto, o *EPT* utilizou diversas estratégias de mobilização como a divulgação em rádio, televisão, revistas, jornais e promoção de eventos junto às comunidades, entre outras. Todavia é interessante notar que, não se oferecia a comunidade nenhuma infra-estrutura de material esportivo para a prática do esporte. Em vez disso o *EPT* desenvolveu a idéia do espírito de improvisação, um forte sentido ao apelo popular e comunitário. A prática esportiva dependia, sobretudo, da improvisação do material para se efetivar. (PAZIN, 2004)

"... pode-se contar com a colaboração e a criatividade da própria comunidade para improvisar o material necessário: latas, caixas e caixões vazios, embalagens e sacos plásticos, cabos de vassouras, pedaços de madeira, pneus, pedaços de pano, elásticos, cordões, etc."<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Esporte e Educação. Março- n. 06, ano I, São Paulo, 1970, p.16. Sobre o discurso do Presidente Médici, na inauguração da Praça esportiva Roosevelt em São Paulo.

<sup>13</sup> Costa, Lamartine Pereira. *Princípios do Esporte para Todos. Prioridade Social*. In: *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. p, 18.

Assim, no seu conjunto as atividades do *Esporte para Todos* procuravam inspirar valores "nobres" como: *solidariedade, criatividade, civismo, espontaneidade, espírito de improvisação, integração*, entre outras. A festa esportiva promovida pelo EPT se constituía como pedagogia do cidadão. Afinal, essas atividades não eram concebidas como pura distração popular, elas teriam que transmitir, sobretudo, um ideal, ou mais um elo na "corrente pra frente".

Tal *pedagogia* apontava para uma hábil utilização do tempo, e ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana não se apresentassem nos manuais do EPT de forma tão nítida, as táticas usadas não se distinguem das maneiras de agir de um procedimento militar. Quer dizer, transformar em situação favorável o instante preciso de uma intervenção. Instante este constatado nos *Princípios Básicos do EPT*, quando afirmava ser preciso "*estimular oportunidades de melhoria do bem-estar físico, mental e espiritual do povo através de atividades físicas e recreativas ao alcance das diferentes comunidades.*"<sup>14</sup>

De uma maneira mais geral, o esporte era entendido dentro da Campanha EPT como um mecanismo capaz de inspirar os valores nobres, educar as massas, favorecer a regeneração moral e física dos cidadãos. A Campanha preocupava-se também com certa produção de saberes históricos e pedagógicos do esporte, tanto é que o EPT deveria "*reforçar a dedicação e união nacional em torno das origens, tradições, costumes etc. de nosso povo.*"<sup>15</sup> E ainda "*incentivar o civismo, a criatividade, a iniciativa e a liderança; Implementar hábitos higiênicos; Colaborar na recuperação do vigor orgânico e equilíbrio emocional.*"<sup>16</sup> Para os epetistas a Campanha provava que era possível no Brasil "*fazer o máximo gastando um mínimo, contrariando uma concepção distorcida e histórica do esporte nacional.*"<sup>17</sup> No entanto, as ações cotidianas da comunidade aparecem quase como o perfeito oposto da história, como o campo das estruturas permanentes, inconscientes, quase naturais, descoladas das estruturas econômicas políticas e sociais. Sem dúvida, uma história sem história.

As manifestações de higienismo social presentes nos manuais do EPT emergiam com mais nitidez com a preocupação dos autores em ampliar as colônias de férias para que deixassem de ser "elitizante" e voltada para a "*criança carente que é exatamente aquela que mais precisa da Colônia de Férias.*"<sup>18</sup> Para tais autores era inegável "*os valores sociais, cívicos e higiênicos das Colônias de Férias, porém, estes projetos precisam ser constantemente ampliado para que possa permitir a participação de Todos.*"<sup>19</sup>

Sob este aspecto, o EPT asseguraria o aparecimento e o desenvolvimento de valores morais e sociais através das práticas esportivas, como se a população fosse antes desprovida de "tais qualidades". A comunidade era incentivada a se organizar para avaliar em conjunto sua própria realidade, e "*modificá-la dentro de suas possibilidades.*"<sup>20</sup> Nenhuma referência era feita à possibilidade de reivindicação de melhores condições de vida para a população, a perspectiva aqui era, cada vez mais clara, moldar o indivíduo ao seu meio.

Portanto, as promoções EPT deveriam se adaptar às *condições* de cada localidade, "*bem como de suas posses e tempo livre disponível.*" O movimento esportivo, tentava se apresentar como *novidade*, mas de modo a não perturbar *hábitos* e expectativas, seus manuais deveriam ser portadores de mensagem legível e compreensível para o maior número de espectadores ou leitores. Talvez aí caiba a pergunta: *para todos?* O EPT em seu discurso expressa sua

<sup>14</sup> Idem. P, 2.

<sup>15</sup> Idem. P, 3.

<sup>16</sup> Steinhilber, Jorge. *Colônia de Férias organização*. In: *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. p,74.

<sup>17</sup> Costa, Lamartine Pereira. *A Necessária Reflexão*. In: *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. P, 3.

<sup>18</sup> Steinhilber, Jorge. *Colônia de Férias organização*. In: *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. p,71.

<sup>19</sup> Idem. P, 72

<sup>20</sup> Rede Nacional. *Esporte Para Todos. Princípios básicos*. Central de Difusão. Manual elaborado pela equipe técnica da rede Nacional de Esporte Para Todos. Rio de Janeiro. Sd. P, 2.

contradição, a *adaptação das promoções e a sua divisão* é reveladora de que as atividades esportivas de lazer não aconteciam da mesma *forma* para todos os segmentos sociais.

Tais questões não se apresentam de forma clara e transparente aos indivíduos, uma vez que a "pedagogia social" proposta pelo *EPT* encobria, na verdade, toda uma série de estratégias que fundam a competição, e a desigualdade. Operando segundo uma normalização de valores, desejos e atitudes, tal pedagogia afirmava que os meios de *comunicação modernos* permitiam o acesso da massa aos bens culturais *quando simplificados*. No entanto, esse é um dos elementos que torna a *indústria cultural*<sup>21</sup> não democrática. A mídia transmite uma cultura elitizada de tal forma que a educação retorna à condição do *segredo*.

Para as camadas populares era necessário *inventar, improvisar equipamentos para todos*. Trata-se do famoso "faça você mesmo"; "*Com este cabide, meias velhas e um rolo de fita adesiva faremos uma raquete*"<sup>22</sup> Assim, evitava-se a complexidade, oferecendo produtos simplificados, que reforçam a demagogia da facilidade; "*veja quantas coisas podemos fazer com pneus e cordas velhas*."<sup>23</sup> Portanto, o esporte não era *para todos*, e nem o podia ser, pois o que percebemos na teoria e prática do *EPT*, na sua produção de conhecimento, é o esvaziamento de toda crítica social.

Uma reportagem publicada pela revista *Veja* em 1979 intitulada "Os embalos", faz o seguinte comentário sobre a juventude da década de 1970, "*corpo livre e liberado, um corpo jovem que sabe o que quer, que goza, que é dono do próprio nariz*". Percebemos que o elogio da juventude, os critérios de apresentação física e a cultura da beleza constituíam os sinais de distinção social que se tentava construir naquele momento histórico. A disseminação do modelo de corpo atlético revelava-se ainda como estratégia de consumo voltada a vender produtos do estilo de vida ativo.

Começava aí a era dos "esportes radicais", palavra extremamente perigosa naquele contexto:

*"Deslizar foi a curtição: deslizar sobre as ondas, deslizar nas calçadas, no ar, como gigantescos pássaros ou lançando pequenos discos voadores. Em todos, sempre o mesmo desafio: manter o equilíbrio. Esse esforço permanente sobre patins, skates, pranchas, debaixo de asas voadoras, deu a ilusão de que o esporte nos anos 70 foi uma espécie de bailado de corpos desafiando a gravidade"*<sup>24</sup>

Neste sentido, não foi à toa que nos anos de 1970 chegavam ao Brasil, numerosas máquinas e técnicas de intervenção no corpo, instrumentos de um verdadeiro marketing de vivências corporais. Uma reportagem da revista *Veja* em 1979 descrevia esta década afirmando que:

*"O suor entrou na moda. A cidade grande está empurrando o brasileiro para fora de casa para correr, andar de bicicleta, fazer ginástica. A forma física está em alta."*<sup>25</sup>

<sup>21</sup> Para Adorno na indústria cultural, a luta contra a cultura de massa só pode ser levada adiante se mostrada a conexão entre a cultura massificada e a persistência da injustiça social.

<sup>22</sup> *Equipamento esportivo para todos*. In: *Rede Nacional Esporte Para Todos. Princípios Básicos*. p. 19.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Revista *VEJA*, 03 de outubro de 1979, nº578, p. 56.

No entanto, apesar de se tentar desenhar uma realidade homogênea sobre a juventude brasileira da década de 1970, o que percebemos é algo muito diferente de todo esse otimismo chauvinista: Brasil país dos jovens, dos fortes, dos saudáveis. É sempre bom lembrar que a década de setenta assinalou dois fenômenos extremamente graves e perigosos: nesses dez anos registrou-se no Brasil, ao mesmo tempo, o mais violento processo de expulsão do campo e o mais rápido processo de concentração de renda jamais ocorrido em toda a história. Eric Hobsbawm (1995) sublinha que se as décadas de 1970 e 1980 provaram alguma coisa, foi que o problema político do mundo, e certamente do mundo desenvolvido, não era como multiplicar a riqueza das nações, mas como distribuí-la em benefício de seus habitantes. Para o autor, o Brasil desse período foi um monumento à negligência social.

O que fazer com a outra parcela da população que se via inserida numa marginalidade determinada agora também pelos seus corpos? O movimento *EPT* soube trabalhar muito bem com essas realidades. Note-se que a principal característica da *Gente EPT*, reproduzida exaustivamente nos manuais técnicos, era seu espírito de *improvisação* e sua *vontade* de participar.

Para a população mais pobre, para a qual era voltado o *EPT*, o discurso sobre a prática esportiva era mais moralizador, *os embalos* aqui são substituídos pelo *lazer utilitário* e não pelo puro prazer de praticá-lo, afinal estava-se falando para uma população que não usava como forma de lazer *a asa delta, o deslizar sobre ondas, patins ou skates*. Falava-se para indivíduos que utilizavam os espaços de lazer, fossem praias ou clubes cada vez mais socialmente demarcados.

O esporte era interpretado como entretenimento útil e sadio para a população carente, em contraposição à “*curtição*” das classes média e alta, reforçando ainda o sentimento de amor à pátria, à disciplina, e a participação. Esta última sempre sob estreita orientação de *como, quando e por que* participar. Estes elementos estavam contidos nos manuais técnicos do *EPT*, que elegeu como uma de suas funções primordiais incentivar o lazer comunitário ou em pequenos grupos, uma forma clara de impedir e/ou controlar o fluxo de pessoas. Cada indivíduo no seu lugar e em cada lugar um indivíduo, uma tática de antivadiagem e antiaglomeração para conhecer, dominar e utilizar. Os manuais técnicos do *EPT* não deixavam dúvida quanto a esta intenção: “Perceba nossas sugestões como uma declaração de experiência entre outras experiências. importante é você, *na sua comunidade, com os outros ter a sua própria experiência.*”<sup>26</sup>

Talvez a tentativa aqui seja de tornar as pessoas mais “civilizáveis”. Isto nos faz lembrar Norbert Elias e a sua análise dos grupos humanos, ou civilizações, que, por julgarem ter completado em sua sociedade o processo civilizador, outorgam-se potenciais transmissores da civilidade necessária aos demais povos. Não era à toa que os idealizadores do *EPT*, outorgavam-se transmissores de sentimentos morais e sociais:

“*Participando você usa o que aprende para reforçar:*

- *O DESEJO de participação;*
- *A FÉ no EPT;*
- *A ESPERANÇA de que a próxima atividade será a melhor.*”<sup>27</sup>
- 

Ou ainda,

<sup>26</sup> Manual Técnico. Rede Nacional Esporte para Todos. Princípios Básicos. p. 14. Grifos meus.

<sup>27</sup> Manual Técnico. Rede Nacional. Esporte Para Todos. Princípios Básicos. p. 8.

*“Sim, a próxima atividade será a melhor! Isto certamente acontecerá, porque a cada atividade que você participa, ocorre um enriquecimento seu e dos outros, você ganha mais experiência, desenvolve a sua sensibilidade, cada vez fica mais gente EPT”<sup>28</sup>*

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O Projeto de massificação do esporte defendido pelo EPT revela o quanto são complexos essas intervenções na sexualidade, na família, na educação e principalmente na educação do corpo. Tais projetos merecem ser pensados para além da idéia asséptica do corpo, pois até hoje prevalece um determinado discurso científico sobre o corpo e suas mais diversas manifestações. Se outrora o corpo era educado por meio da atividade física para conter as energias sexuais, hoje ele deve ser sexualizado e sensualizado. Existe todo um mercado de “bens” e “serviços” destinados a realizar os sonhos narcísicos de diminuir ou aumentar por meio de cirurgias e o uso de próteses: peitos, nádegas, quadris, partes do corpo que com determinação e perseverança, utilizando o esporte como coadjuvante, pode alcançar um corpo belo, esbelto, atlético e saudável a partir de uma norma que determina o que é beleza e saúde.

Este tipo de produção revela que, ao lado da diversidade proporcionada por grandes mudanças na estrutura política de países, no caso o Brasil; o "processo de distensão", "fim do milagre econômico" e a reorganização dos movimentos na sociedade civil, definiam-se também um processo de individualização, manifestado em ações que marcaram distintas formas de se relacionar e de se comportar.

Assim, o político diz respeito a tudo o que toca a existência individual: o corpo, a sexualidade, a educação, a vida, o nascimento, a morte. Há meio século, não poderíamos imaginar um legislador definindo sobre a legalidade ou não da utilização de órgãos humanos.

São as novas questões que suscitam o debate político, e o mesmo vale para outros aspectos da cultura. Seria o que René Remond (1999), chama de *geometria variável*. Os problemas não são os mesmos, objetos tradicionais da área política deixam de ser questões políticas e novos problemas se colocam. Assim, a política é mutável, e a importância que damos a ela explica-se pela conjunção entre a evolução dos fatos e a dos espíritos.

Durante a pesquisa, observamos que as práticas esportivas do *EPT* encontravam-se geralmente atreladas à uma orientação política e a um projeto pedagógico de "alfabetização" deste "novo homem" e desta “nova mulher”, visando à inauguração de uma outra sensibilidade, alterando valores, comportamentos, papéis e relações sociais. As orientações e projetos políticos para implantação da campanha estavam repletos de contradições que procuramos ressaltar.

É importante perceber que o controle não se faz unicamente pela repressão, pelo impedimento, mas se realiza, sobretudo pela incitação, pela produção. Não devemos observar a liberação do corpo e da sexualidade nas redes do consumo como um movimento de verdadeira autonomia do indivíduo. Isto nos remete à definição de "*Educação Física Permanente*" proposta pelo *EPT*, segundo a qual os indivíduos se encaminhariam para a "igualdade de oportunidade, permanência da atividade física, orientação individual e coletiva, autoformação."<sup>29</sup> No entanto, o que se observa é uma ação no sentido contrário ao da autonomia dos indivíduos em relação a seus corpos e o que permanece é uma certa funcionalidade requerida pelo consumo.

---

<sup>28</sup> Idem. P, 8.

<sup>29</sup> *Fundamentos do Esporte para Todos 1983*. MEC, p.2

Nesta produção de corpos, o gênero parece ser uma das principais maneiras de construção de subjetividades. Portanto, é importante fazer uma análise das relações de gênero na campanha de massificação de esporte *EPT* no Brasil, considerando o esporte um campo privilegiado para afirmação do feminino e masculino. Esta proposta é fundamentada na compreensão de gênero, como construções culturais, sociais e históricas, sempre relacional, definindo estratégias de poder, territórios e comportamentos para homens e mulheres. (Pedro, 2005)

É importante lembrar que a década de 1960 foi um marco na história, devido às contestações sociais, políticas e culturais ocorridas em várias partes do mundo. No Brasil, principalmente o 1968, assinala a eclosão de uma ampla ebulição social de protesto e de oposição à Ditadura Militar, instaurada desde 1964, com destaque para o movimento estudantil e operário.

Por isso é de suma importância entender como se produziu um projeto educativo de massificação esportiva, como o *Esporte para Todos (EPT)*, numa sociedade onde a grande maioria era constituída de pobres, com um índice de analfabetismo em torno de 32,05% em 1970.

O EPT foi um movimento que buscou regulamentar uma política de composição de corpos úteis e obedientes. Especificamente, voltava-se para o lazer e para a recreação, de forma que os discursos eram baseados no apelo à participação popular nas atividades físicas, porém com a intenção de controle dos indivíduos. As opções assumiam um caráter universal, encaminhando-se para a coletividade, sem perspectivas de questionamentos que inviabilizassem os anseios da nação em busca de seu desenvolvimento, o qual deveria ser cristalizado de maneira segura.

Desta forma, entendo que, se o movimento *EPT* foi importante no contexto de sua atuação, ainda o é na atualidade, porque permite conhecer a produção de diferentes mulheres e homens, seus discursos e suas práticas corporais, forjando e criticando novas formas de cuidar de si. "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo *como ele de fato foi*. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo" (BENJAMIN, 1985, p. 224). O tempo não se revela de uma só vez, portanto. O passado é uma referência de realidade, sem a qual o presente é pura irreflexão. Assim sendo, pretendemos com este artigo contribuir para a reflexão e debate no âmbito da História Cultural levando em conta as motivações menos evidentes na implantação de políticas públicas (em seus conteúdos e métodos) e a produção de diversas pedagogias que tomam por bases preceitos científicos da Educação Física para legitimar projetos de intervenção corporal.

## REFERÊNCIAS

AMMANN, Safira Bezerra. **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 212 p.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 224 p.

CAVALCANTE, Kátia Brandão. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: IBRASA, 1984. 116 p.

CAVAGNARI FILHO, Geraldo Lesbat. América do Sul: alguns subsídios para definição da segurança nacional. **Premissas**, Campinas, UNICAMP, n. 6, p.25-46, abr 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, Vol. 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 280 p.

\_\_\_\_\_; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1992, 423 p.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997. 200 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295 p.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História social da infância no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. 336 p.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 632 p.

OLIVEIRA, Marcus A. Taborda de. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. 481 p.

PAZIN, Nailze Pereira de Azevedo. **Do esporte para todos à constituição de uma pedagogia corporal no Brasil. (1970-1985)**. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade de Santa Catarina, 2004.

ROSEMBERG, Fúlvia. A LBA, o Projeto Casulo e a Doutrina de Segurança Nacional. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.) **História social da infância no Brasil**. 5. ed- São Paulo: Cortez, 2003. ps 141-161

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. 192 p.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Do culto à performance: esporte, corpo e rendimento**. In: XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Florianópolis. Anais - Textos e Resumos, Florianópolis: CBCE, v 21, 1999. p. 100-107.

Artigo recebido em 08/jul./2010. Aceito para publicação em 27/out./2010. Publicado em 01/dez./2010.

**Como citar o artigo:**

PAZIN, Nailze Pereira de Azevêdo; FREITAS, Denize Pereira de Azevedo; SILVA, Maria da Luz da. O esporte para todos e a constituição de um projeto de intervenção social. In: **Revista**

**metáfora educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 9., dez./2010. p. 18-30. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: **DIA mês ANO.**

**Revista indexada em:**

**CREFAL** (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>

**GeoDados** - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

**IRESIE** (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>

**LATINDEX** (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

Editora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Valdecí dos Santos (<http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>)